

POSFÁCIO
O mapeador de ausências



OLÁ, TAGGER

O quanto de si é possível despejar em uma página?

Para Mia Couto, o livro inteiro que você leu. “Fui descobrindo que o território da minha infância não é da ordem da geografia”, diz o autor de *O mapeador de ausências* à jornalista Lu Thomé. “Como acontece com todos, eu tinha inventado o meu passado”. A literatura é uma eterna reinvenção de passados e presentes, taggers, em que aprendemos a aprender, em que olhamos o que é nosso com olhos de arqueólogo. Ou de geógrafo, como o fez Mia Couto.

E é sobre essa reinvenção que fala o repórter Igor Natusch: a escrita literária é feita de lembrar, esquecer e inventar aquilo que poderia ter sido. Quantas histórias não se agarram a essa máxima? De Raul Pompeia a Sylvia Plath, examinamos outros passados inventados na literatura.

De onde vem a necessidade de revisitar a própria vida pelos meios da ficção? É sobre isso que fala o jornalista e escritor Mateus Baldi, que estreia nesta edição nas páginas da revista da TAG: “o retorno à juventude, se não pacifica a existência, no mínimo ajuda a reconstruí-la ao tornar possível ler territórios esquecidos como os mapas que são.”

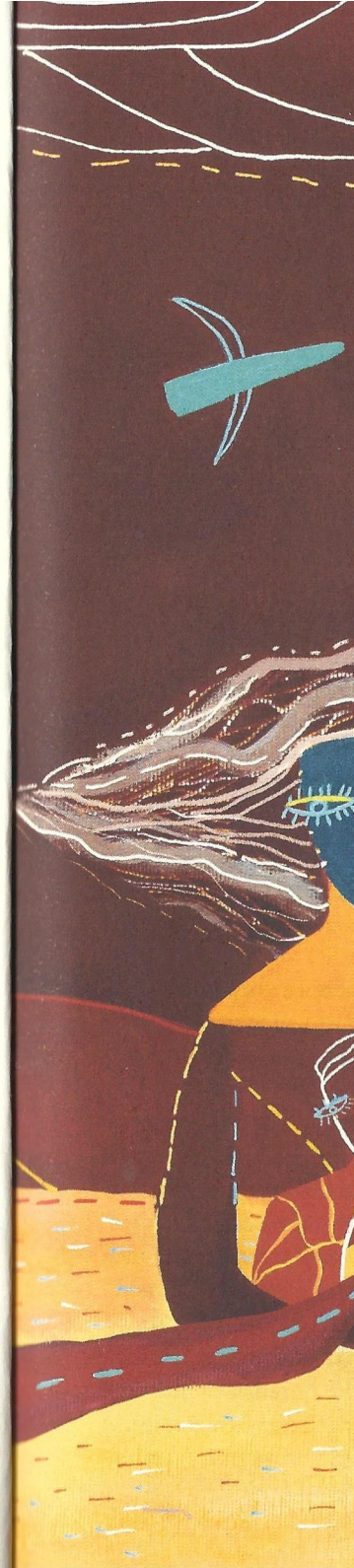
O pai de Diogo lhe escreve em mensagem que escreveu livros pois jamais soube ser autor da própria vida. “Espero que sejas autor dos teus sonhos”, lega ele ao filho.

Esperamos que a leitura do mês lhe inspire a isso, tagger: a ser autor dos seus sonhos.

Boa leitura!

**"Somos aquilo
que recordamos
e também o que
esquecemos."**

IZQUIERDO, Ivan. "A arte de esquecer"



SUMÁRIO

—
posfácio

4

Entrevista
Mia Couto

9

Quem lembra um conto
aumenta um ponto

12

Uma história de
muitas árvores

A METÁFORA É TÃO RIGOROSA COMO A ARITMÉTICA

A literatura foi o barco no qual Mia Couto subiu para desvendar o próprio passado. Num período presente abalado pela pandemia e outros eventos, ele se descobriu filho de um mar natal: um local de terra coberto pelo mar. É a partir do passado familiar, das travessias – e especialmente das ausências – que ele escreve suas narrativas. Leia a íntegra da entrevista exclusiva concedida para a TAG.



LU THOMÉ

O mapeador de ausências é um livro sobre um personagem e suas bagagens do passado. O quanto suas experiências e a própria genética contribuem para a sua literatura?

Mia Couto — Esse livro prossegue essa procura de falsidades que são vividas como certezas: a ideia da identidade, do passado, das raízes. Pensamo-nos parentes das árvores, criaturas de um único chão. Desenhamos o nosso passado familiar e chamamos-lhe de “árvore genealógica”. Não é uma árvore. Tudo em nós é feito de trocas, travessias e viagens. Fomo-nos dissolvendo nos outros de tal modo que existimos mais fora do que dentro de nós mesmos.

Para escrever esse livro, embarquei nessa cruzada impossível de buscar o meu passado. Acreditava que esse tempo tinha uma morada. Fui descobrindo que o território da minha infância não é da ordem da geografia. A minha

infância é talvez o mais recente dos meus tempos. Como acontece com todos, eu tinha inventado o meu passado. A minha cidade natal, uma cidade costeira no centro de Moçambique, está localizada abaixo do nível médio das águas do mar. As marés vivas faziam da minha casa uma arca de Noé. Os outros têm uma terra natal. Eu tenho uma água natal. Esse espaço fluido, essa geografia líquida foi o chão onde aprendi a não ter medo da incerteza e do imprevisível.

Como foi escrever um livro ficcional inspirado na trajetória do seu pai e em episódios reais de Moçambique?

No início eu pensava que iria celebrar o lugar encantado da minha infância. Tive uma infância tão feliz que agora é impossível encontrar uma outra pátria. A primeira versão do livro era sobretudo uma celebração da cidade da Beira, esse lugar aonde volto sempre que tenho que nascer. As versões seguintes do texto foram centrando-se na figura do meu pai. Eu e os meus irmãos temos a ideia de que a presença do nosso pai era tão leve, tão gentil e delicada que ele nunca chegou verdadeiramente a existir. As nossas lembranças giram em redor da poderosa figura da nossa mãe, que combinava uma incomparável força telúrica a uma poderosa imaginação que fazia dela uma infinita contadora de histórias. Os ensinamentos do nosso pai foram essenciais e nunca foram apresentados como lições. Ele parava na rua e falava com gente anônima e a todos se entregava com igual cuidado. Nós perguntávamos se ele conhecia esse interlocutor e ele respondia, displicente: é uma pessoa.

Fui em busca de presenças. E percebi que as ausências, as falsas ausências, foram quem mais me tatuou a alma. O meu pai foi esse mapeador de ausências.

As cicatrizes do colonialismo estão presentes no seu romance. Esse é outro tipo de herança coletiva, especialmente no continente africano. A literatura pode ajudar a combater o racismo estrutural?

Sim. E aqui é preciso estar atento. Não existe um único caminho para combater o racismo. As grandes soluções para superar o racismo implicam mudanças estruturais



Mia Couto

Fronteiras do
Pensamento

que estão bem para além do assunto da raça. Não se trata apenas de uma questão de maior representatividade numa sociedade que continua a fabricar o preconceito e a discriminação. O caso de Moçambique é um bom exemplo: a raça deixou de ser um assunto porque se rompeu com tudo o que lhe era subjacente: a economia, a política, a sociedade inteira. Felizmente, nós não importamos estratégias e conceitos fundados noutras realidades históricas. Por essa razão, o caso moçambicano – que é um bom exemplo de superação do racismo – não pode ser replicado noutros contextos. E a literatura é uma ferramenta imprescindível na luta contra o preconceito. Sobretudo porque sugere uma identidade fundada na pessoa individual. Todas as pessoas têm direito a ser mais do que uma categoria racial: são o resultado único de um percurso feito de histórias.

Seu livro fala sobre o “idioma anterior a todas as palavras”. Ou seja, a poesia. Qual a importância da poesia?

A poesia é mais do que um gênero literário. É a licença que damos a nós mesmos para pensar o mundo através do sentimento. Drummond falava desse “sentimento do mundo” que é tão vital e profundo e que foi sendo desvalorizado como algo que pertence ao departamento das artes. O pensamento é masculino, a sensibilidade é feminina. É isso que nos queremos dizer. A maior parte das vezes, a realidade chega-nos por vias que escapam ao pensamento racional. A metáfora é tão rigorosa como a aritmética.

Nos dias atuais, estamos ansiosos e com medo da realidade, especialmente no Brasil, onde o cenário do coronavírus é mais crítico. Nós, leitores, precisaremos ser “inventores de esquecimentos”, como o personagem do seu livro?

Neste momento, já há entre os governantes brasileiros suficientes propostas para esquecer a realidade. Todo o discurso genocida de Bolsonaro é um apelo para enterrar antecipadamente a realidade viva do Brasil. No caso brasileiro, é preciso não esquecer a ditadura, a escravidão, o genocídio dos povos indígenas. Mas não basta não esquecer. Lembrar é mais do que um ato passivo de resistência. É uma construção feita com materiais do tempo presente. No caso de Moçambique, a construção de um presente humanizado, mais justo e democrático implica a busca de soluções inovadoras, com alianças e consensos fundados em premissas que não são apenas a repetição do que serviu num passado recente. A nostalgia serve pouco quando se trata de provocar mudanças pessoais ou sociais.

Além da história moçambicana na década de 1970, com os massacres das tropas portuguesas, o livro também inclui a tragédia do ciclone Idai, que atingiu o país em 2019. Como é trabalhar literariamente com fatos recentes?

Para mim, é essencial que essas realidades não sejam apenas contadas em segunda mão. Preciso de viver essas tragédias, de ir aos lugares onde sucederam, escutar as pessoas que sofreram. E deixar que essa vivência dos outros se incorpore em mim. Aconteceu nas guerras que massacraram e continuam a massacrar inocentes.

Aconteceu nos ciclones, nas inundações. Percebi que sofria mais sendo apenas um espectador. E por isso, saí da minha cidade e fui ao encontro dos lugares e das pessoas que viveram na carne esses dramas. Descobri, então, histórias que não eram apenas de sofrimento, mas de superação, de solidariedade, de esperança. As viagens a esses lugares não foram nunca uma excursão piedosa nem um ato de penitência. Foram um modo de me salvar a mim mesmo.



Mia Couto
Fronteiras do
Pensamento

Eventos como o ciclone e a pandemia nos mostram que precisamos, cada vez mais, valorizar a empatia, o social e o coletivo. E o poeta é aquele que conversa com as sombras. É enxergando o lado sem luz que podemos ultrapassar os períodos difíceis?

Como já disse, essa ausência total de luz é, quase sempre, uma construção de quem assiste na margem da realidade, uma projeção dos que sofrem por verem sofrer os outros. Recordo-me que visitei uma aldeia, no centro de Moçambique, onde acabara de haver um massacre. Estávamos na guerra civil e eu era jornalista. Cheguei à noite e surpreendi um grupo de músicos juntando tambores em redor de uma fogueira. Ocorreu-me que estariam lançando os tambores para dentro do fogo, numa espécie de ritual fúnebre. Acontecia o inverso: estava-se a afinar os tambores para se dar início a uma dança que celebrasse a vida. Não queremos dar força aos espíritos da tristeza, disseram-me. Nos países africanos que conheço, e são vários, domina essa atitude de não dar alimento ao desespero. Estou certo que o Brasil herdou essa capacidade de, mesmo em meio ao desalento, se levantar e sacudir a poeira para se dar a volta por cima.

